

Uma realidade revisitada em tempos de Zika vírus e microcefalia: Estamos preparados para comunicar um diagnóstico de deficiência?

Recentemente, o Ministério da Saúde (MS) confirmou a associação entre a infecção de gestantes pelo Zika vírus e os casos de microcefalia no nordeste brasileiro. Trata-se de uma emergência para a saúde pública do país, como foi reconhecido pelo próprio MS.

Desde então, diversas ações de enfrentamento da doença vêm sendo adotadas, as quais estão contidas: no Plano de Enfrentamento à Microcefalia, no Protocolo de Vigilância e Resposta à Ocorrência de Microcefalia Relacionada à Infecção pelo Vírus Zika, no Protocolo de Atenção à Saúde e Respostas à Ocorrência de Microcefalia Relacionada à Infecção pelo vírus Zika, dentre outras estratégias adotadas pelo MS. No entanto, algumas incertezas ainda pairam sobre a efetividade e o real tamanho de efeito que tais medidas terão na contenção do avanço da doença.

Neste cenário, abre-se espaço para a discussão de uma enorme gama de tópicos correlatos, tais como: o combate ao mosquito transmissor, o *Aedes aegypti*; a susceptibilidade imune da população brasileira à infecção pelo Zika, já que se trata de um vírus novo no país; os efeitos da infecção pelo Zika no sistema nervoso central; a possibilidade (ou a impossibilidade) do desenvolvimento de vacinas e/ou fármacos que previnam ou revertam o desenvolvimento da microcefalia e afins.

Por outro lado, este cenário também traz à tona uma discussão deveras importante: a comunicação do diagnóstico de uma doença e/ou condição de deficiência de bebês aos pais. Estamos preparados para fazê-lo? Quem deve ser o responsável pela comunicação? Como os profissionais da saúde enxergam a si mesmos neste processo? Como podemos auxiliar as pessoas na resignificação de uma realidade não desejada? Como atuar na facilitação do processo de empoderamento dos pais e/ou familiares, com vistas à construção de uma rede pessoal significativa capaz de atender às necessidades de uma criança com deficiência? Como familiares e profissionais da saúde encaram as frustrações de um longo e, muitas vezes, limitado processo de reabilitação?

Algumas destas questões estão contidas em um dos estudos publicados nesta edição da *Revista Ciência & Saúde*, nos possibilitando uma reflexão sobre tal temática que, independentemente dos “fatores etiológicos”, revela-se sempre atual e necessária!

Boa leitura!

Régis Gemerasca Mestriner

Doutor. Professor do curso de Fisioterapia da FAENFI-PUCRS

Correspondência:

RÉGIS GEMERASCA MESTRINER
Av. Ipiranga, 6681 – Prédio 12, 8º andar – Partenon
90619-900 Porto Alegre, RS, Brasil
E-mail: regis.mestriner@pucrs.br

